

KIM JONG IL

**ADORAR GRANDES
POTÊNCIAS E DEPENDER DE
FORÇAS ESTRANGEIRAS É O
CAMINHO PARA RUÍNA
NACIONAL**

KPR - BRASIL
Juche 113 (2024)

TRABALHADORES DE TODO O MUNDO, UNI-VÓS!

KIM JONG IL

**ADORANDO GRANDES
POTÊNCIAS E DEPENDENDO
DE FORÇAS ESTRANGEIRAS
É O CAMINHO PARA
RUÍNA NACIONAL**

Conversa com estudantes na Universidade Kim Il Sung

5 de abril de 1961

Tradução: Fisan

Publicado: KPR – Kpop pela Reunificação da Coreia

Ao decorrer da discussão sobre o dano causado pela adoração de grandes potências recentemente, os estudantes insistiram que a política de dependência extrema de forças estrangeiras e os conflitos de facções dos senhores feudais da dinastia Ri arruinaram o país. Esta visão está bastante correta. Devemos sempre lembrar que adorar grandes potências e depender de forças estrangeiras é o caminho para a ruína nacional.

A bajulação para com as grandes potências mancha o orgulho nacional do povo, respeito próprio e espírito de independência e os paralisa ideológica e mentalmente. Ao povo, valorizar o espírito de independência nacional e o seu respeito próprio, é um aspecto importante que tem influência no destino da nação. Uma nação sem orgulho nacional e confiança na vitória pode ir à ruína, mas uma nação que os valoriza é invencível. O espírito de independência nacional é o espírito de viver pelos próprios esforços de acordo com a vontade e as exigências da própria nação sem estar algemado ou depender de outras nações, enquanto o auto-respeito nacional é o sentimento de amor ardente e orgulho pela sabedoria e força do próprio país e nação e de todos as coisas excelentes de sua própria nação. Somente aqueles que possuem o espírito de independência nacional e de auto-respeito nacional podem se tornar verdadeiros patriotas que amam ardentemente seu próprio país e nação e se dedicam de coração e alma à prosperidade de seu próprio país. O espírito de independência nacional e o auto-respeito nacional é uma importante fonte de apoio ideológico e inspiração espiritual que induz o povo a glorificar a honra e dignidade da sua própria nação. Se o povo perder o espírito de independência, orgulho nacional e respeito próprio, a nação

sofrerá de um padecimento ideológico e mental. Evidentemente, uma nação que está paralisada ideologicamente não pode defender-se da intervenção e agressão de forças estrangeiras. A bajulação e a dependência de forças estrangeiras são um veneno ideológico que leva um país e uma nação à ruína, pois impede o povo de demonstrarem plenamente a sua força.

Acreditar na própria força e adoptar a atitude de realizar tudo através dos seus próprios esforços é um pré-requisito para alcançar a independência e a prosperidade do seu próprio país. Se alguém depender de forças estrangeiras sem acreditar na sua própria força, não poderá conquistar a independência do seu país nem construir com sucesso uma nova sociedade.

Aqueles que estão mergulhados na bajulação e na dependência de forças estrangeiras não acreditam e não confiam na força da sua nação; em vez disso, tentam resolver todos os problemas confiando e dependendo das grandes potências. Eles tentam conquistar a independência do seu país confiando na força das grandes potências e construir uma nova sociedade obtendo a ajuda de outros. Eles menosprezam a força do seu próprio povo em vez de pensar em unificar essa força. O país e a nação que não confiam na sua própria força ou não a aproveitam ficam enervados. Não pode conquistar a sua independência, nem pode mantê-la por muito tempo, mesmo que a conquiste. Se um país depende de forças estrangeiras, pode ir à ruína, mesmo que tenha uma força inesgotável, porque não consegue fazer uso eficaz dela.

Aqueles profundamente mergulhados na bajulação e na dependência de forças estrangeiras podem ser reduzidos a ferramentas dos chauvinistas das grandes potências e a traidores que vendem os interesses do seu país e da sua nação. A bajulação está inseparavelmente ligada à traição. Aqueles que caíram nas garras da bajulação fazem o possível para agradar as grandes potências – este é o primeiro passo para trair o seu país. Tendo perdido os seus princípios, eles gradualmente começam a cair nas boas graças dos grandes países, sacrificando os interesses do seu país e da sua nação; se for permitido que este mal se desenvolva, eles podem até chegar ao ponto de cometer o crime de vender o seu país e a sua nação.

Olhando para trás, os agressores estrangeiros, os imperialistas em particular, prosseguiram a política de usar os bajuladores e traidores de outros países como guias que facilitam as suas ambições agressivas. Se alguém estiver mergulhado na bajulação e se apegar à dependência de forças estrangeiras, poderá ser relegado ao estado de guia e fantoche dos agressores. Se tais bajuladores e traidores se espalharem desenfreadamente num país, este irá inevitavelmente à ruína.

A história passada do nosso país ensina-nos a séria lição de que se alguém se apegar à bajulação e à dependência de forças estrangeiras, os interesses do seu país e da sua nação serão violados e, ultimamente, o país poderá entrar em colapso.

A época em que a nação coreana foi mais forte em sua história foi a de Koguryo. Koguryo era um estado poderoso com um vasto território no Leste Asiático e uma grande população. Quase conseguiu

a unificação dos Três Reinos e repeliu a invasão de forças estrangeiras, defendendo assim a sua honra. Koguryo ganhou fama como um país poderoso porque seu povo não adorava grandes potências.

Foi a partir de meados do século VII que a bajulação começou a exercer uma influência prejudicial no nosso país. Os governantes de Silla optaram por depender de forças estrangeiras nas suas tentativas de derrubar o poderoso Koguryo e expandir o seu território com a ajuda de uma grande potência. Kim Chun Chu de Silla foi para Tang China e concordou com seus governantes em trazer seu exército, com base no entendimento de que após a queda de Koguryo a vasta área de Koguryo ao norte do rio Taedong seria transferida para Tang. Mais tarde, as autoridades de Silla deram um passo tolo após o outro para obter o favor dos governantes Tang e cometeram o crime de enviar repetidamente delegados para solicitar as tropas Tang.

Devido ao ato de dependência de forças estrangeiras cometido pelos governantes de Silla, Koguryo, outrora um país poderoso, desmoronou e a unificação dos Três Reinos, que havia sido fortemente perseguida por Koguryo, não foi realizada. E criou-se a grave situação em que todo o país e toda a nação, incluindo Koguryo, Paekje e até a própria Silla, poderiam ter sido engolidos por forças estrangeiras. Para superar a crise nacional resultante da política de dependência de forças estrangeiras levada a cabo pelos governantes de Silla, o povo dos Três Reinos teve de travar uma longa e sangrenta luta, suportando grandes perdas materiais e de mão-de-obra. As consequências desta política não se limitaram a isto. De acordo com registos históricos, após a

queda de Paekje e Koguryo, um grande número do seu povo foi raptado e levado para outros países e os líderes desta tragédia não foram outros senão os governantes de Silla. Nunca devemos esquecer as graves consequências da política seguida por eles e devemos tirar daí uma lição séria.

Foi durante os quinhentos anos de governo da dinastia Ri que a bajulação foi mais desenfreada, atingindo o seu extremo nos últimos dias da dinastia.

Com o declínio gradual da força da nação e a infiltração da ideia feudal-confucionista, a adoração das grandes potências ergueu-se ainda mais. A ideia feudal-confucionista, que prevalecia na época da dinastia, era cegamente adorada pela nobreza. A ideia feudal-confucionista pregava que um país pequeno era obrigado a servir um país grande e esta era uma “grande obrigação” e dever natural a ser observado pelo país pequeno. À medida que os círculos dominantes adoravam esta ideia que pregava abertamente a bajulação, a bajulação inevitavelmente enraizou-se profundamente nas suas mentes. A palavra sadae (adoração do grande) tem sua origem no Cânone Confucionista. Não é de forma alguma fortuito que os defensores do Iluminismo da era moderna lamentaram que o nosso povo estivesse tão profundamente imerso na ideia confucionista que só sabia sobre os grandes países e nada sobre o seu país desde tenra idade e no final perdeu o espírito de amar seu país.

Os governantes feudais da dinastia Ri não se importavam com suas próprias coisas; em vez disso, adoravam cegamente a cultura de outros países e conduziram uma diplomacia humilhante. No decurso

disto, o culto às grandes potências ficou enraizado nas suas mentes e degradou-se ao capitulacionismo bajulador na era moderna.

No crepúsculo da dinastia Ri, agressores estrangeiros, incluindo os imperialistas norte-americanos e japoneses, estenderam os seus tentáculos de agressão contra a Coreia e enlouqueceram na tentativa de submetê-la ao seu domínio. Nesta grave situação, em que o destino do país estava em jogo, os bajuladores governantes feudais não pensaram em expulsar os agressores estrangeiros pelos seus próprios esforços; em vez disso, trouxeram de forma imprudente os agressores estrangeiros, numa tentativa de sustentar as suas próprias vidas, agarrando-se a eles. Recorreram à teoria absurda de que um inimigo poderia ser derrotado usando outro inimigo; alegando que estavam se protegendo contra o Japão, os governantes feudais incompetentes firmaram tratados desiguais com os Estados Unidos e outras potências ocidentais, abrindo-lhes assim o país, e tentaram impedir a intervenção Qing e a agressão japonesa confiando na Rússia czarista. Isto foi tão tolo quanto convocar um tigre para derrotar um lobo e colocar um lobo para guardar ovelhas.

Cometeram até o crime de suprimir a luta anti-agressão e anti-feudal do povo coreano e de sufocar o movimento reformista burguês através da introdução de forças estrangeiras. Quando o exército lançou uma luta em grande escala contra a agressão estrangeira e o feudalismo em Seul em 1882, a Rainha Min e a sua camarilha convidaram as tropas Qing para os suprimir. Quando reformistas, incluindo Kim Ok Gyun, encenaram o golpe de Kapsin em 1884 para uma reforma burguesa, também os reprimiram com a

ajuda das forças Qing estacionadas em Seul, e as forças Qing também foram chamadas para lutar na Guerra Camponesa de Kabo. Aproveitando-se da política de dependência das forças estrangeiras por parte dos governantes feudais da dinastia Ri, os imperialistas japoneses lançaram grandes forças na Coreia, não só suprimindo brutalmente as forças camponesas, mas também capturando o palácio real e afundando a Reforma Kabo.

Devido à política de dependência das forças estrangeiras dos governantes feudais, a modernização do país enfrentou graves dificuldades e a Coreia tornou-se um campo para as potências imperialistas lutarem pela sua esfera de influência.

Os governantes feudais corruptos, com o apoio dos grandes países, foram divididos em facções pró-Qing, pró-japonesas, pró-EUA e pró-Rússia; eles se entregaram a lutas entre facções pelo poder. Alguns iam de um lado para outro, substituindo seus senhores conforme a tendência da época. A Rainha Min, o chefe dos reacionários, era uma adoradora obstinada de Qing, mas à medida que a influência de Qing começou a diminuir após a guerra sino-japonesa, ela gradualmente inclinou-se para as forças da Rússia czarista. Notavelmente, Ri Wan Yong passou da facção pró-Qing para a facção pró-Rússia e depois para a facção pró-EUA, antes de finalmente se tornar um hediondo traidor pró-japonês da nação. Após o fracasso da Reforma Kabo e o colapso do gabinete de Kim Hong Jip, o governo feudal foi efetivamente transformado num covil de traidores bajuladores e num palco onde as facções adoravam as grandes potências.

Os imperialistas lutaram para infiltrar profundamente as suas forças na Coreia, controlando e instigando várias facções, durante as quais os distúrbios políticos atingiram o extremo e o país sofreu uma turbulência incessante. O ataque ao palácio real e o assassinato da Rainha Min pelos imperialistas japoneses e pela facção pró-japonesa, o ataque ao palácio real pelos imperialistas norte-americanos e seus fantoches coreanos, conhecido como o incidente do Portão Chunsang, a remoção do rei Kojong para a sua legação pela Rússia czarista e pela facção pró-Rússia, conhecida como a mudança real para a legação russa – todos estes são exemplos. Quando o palácio real foi atacado sucessivamente, a rainha foi cruelmente assassinada e o rei, não requerente de asilo, detido numa legação estrangeira durante um ano, o país ficou inevitavelmente arruinado. A soberania do nosso país foi pisoteada e obliterada no turbilhão da luta dos imperialistas por esferas de influência e nas rivalidades agudas entre as facções que adoravam os grandes países.

Devido a extrema dependência de forças estrangeiras e de bajulação aos grandes países nas políticas perseguidas pelos governantes feudais e aos seus conflitos faccionais, o país mergulhou na catástrofe e, finalmente, foi anexado pelo Japão em 1910.

A história moderna do nosso país mostra claramente que adorar as grandes potências e depender de forças estrangeiras conduz à ruína nacional.

A realidade atual na Coreia do Sul prova essa verdade mais claramente. Os sucessivos governantes – Syngman Rhee e Chang Myon – seguiram a política colonial dos Estados Unidos e recorreram

a atos de traição. Como resultado, a Coreia do Sul foi transformada numa colônia e base militar dos Estados Unidos e num inferno onde o fascismo e o terrorismo são desenfreados e a pobreza e a falta de luz prevalecem. Devido aos mecanismos agressivos dos imperialistas norte-americanos e aos atos bajuladores e traiçoeiros dos fantoches na Coreia do Sul, a reunificação nacional, que todos os nossos compatriotas anseiam com tanta impaciência, ainda não foi alcançada e a tragédia da divisão nacional continua.

Nunca deveríamos esquecer a lição da história de que o culto às grandes potências e a dependência de forças estrangeiras são o caminho para a ruína nacional, e deveríamos rejeitá-los categoricamente. A adoração das grandes potências têm uma longa história no nosso país, que tenta se espremer entre os grandes países. Assim, esta doença ideológica há muito que causa grandes danos à luta de libertação nacional, ao movimento comunista e à construção de uma nova sociedade.

Desde os primeiros dias em que iniciou o caminho da revolução, o grande líder, camarada Kim Il Sung, opôs-se à bajulação e fez esforços árduos para estabelecer uma orientação Juche. Em particular, no período de reabilitação do pós-guerra, ele apresentou a política de rejeição da bajulação, do dogmatismo e pelo estabelecimento da orientação Juche, e avançou com o esforço de uma forma abrangente.

Graças aos esforços vigorosos que o nosso Partido tem feito a este respeito, mudanças radicais foram provocadas nas vidas ideológicas e mentais dos membros do Partido e de outros

trabalhadores. No entanto, não podemos dizer que a bajulação foi erradicada completamente.

Plenamente conscientes do perigo e dos danos que a bajulação representa, deveríamos continuar a fazer esforços vigorosos para os rejeitar e estabelecer uma orientação Juche, e deveríamos lutar intransigentemente contra até mesmo a mais ligeira expressão desta doença ideológica.